

A Aposta de Pascal: Examinada a partir da Perspectiva de Van Til

Forrest W. Schultz

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

A questão da vida após a morte sempre foi um dos principais pontos de disputa entre o Cristianismo e o ateísmo. Após morrermos permanecemos mortos, como o ateísta alega, ou, como o cristão alega, seremos ressuscitados dentre os mortos para entrar em nosso destino final – os crentes indo para o Céu e os incrédulos para o Inferno? Blaise Pascal, um filósofo e matemático católico, na Seção III do seu livro *Pensées*, tomou uma abordagem única a essa questão. Ao invés de apresentar argumentos em favor do Cristianismo, ele pede-nos para abordar o assunto como um jogador faria ao tentar determinar onde colocar sua aposta. Essa “Aposta de Pascal” pode ser simplificada da seguinte forma: Se, como o ateísta supõe, após morrermos permanecemos mortos, então nossas crenças teológicas não terão nenhum efeito sobre o nosso destino final; mas se, como o cristão supõe, após morrermos somos ressuscitados por Deus para encarar o Seu julgamento, então nossas crenças teológicas afetam o nosso destino final. Portanto, Pascal conclui que um jogador esperto apostaria em Deus. Se Deus não existe, ele não perderia nada. Mas se Deus existe, ele terá ganhado o Céu e evitado o Inferno. Porque a Aposta de Pascal soa como válida, cristãos têm usado a mesma em seus embates evangelísticos e polêmicos, e os crentes têm alegado que a poderação por parte deles sobre a Aposta de Pascal tem sido instrumental na sua conversão a Cristo.

Muitas das análises da Aposta de Pascal falham em chegar ao cerne do assunto, encontrar a fundação das várias idéias periféricas. Na verdade, existem até mesmo alguns pensadores hoje – chamados “anti-fundacionalistas” – que se opõem a olhar para assuntos fundacionais! Felizmente, a despeito disso, temos disponível para nós o mui cuidadoso pensamento sobre esses assuntos fundacionais por um dos homens mais brilhantes do século XX, o dr. Cornelius Van Til, que serviu como Professor de Apologética no Seminário Teológico de Westminster por muitos anos. Van Til ensinou uma dedução cuidadosa de idéias como elas procedem logicamente da teologia bíblica, contrastada com idéias que procedem de pressuposições de filosofias que são antitéticas à teologia bíblica. Essa perspectiva de Van Til é a ferramenta que precisamos para examinar cuidadosamente provas teístas tais como a Aposta de Pascal.

A perspectiva de Van Til coloca grande ênfase sobre o princípio que o fundamento último de todo pensamento reside sobre a validade cognitiva das

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em maio/2008.

nossas habilidades (quando usadas como pretendido, e quando funcionando apropriadamente) de adquirir conhecimento, das quais podemos estar certos somente se essas habilidades foram designadas e criadas por Deus. Deixe-me usar meu exemplo favorito para demonstrar esse ponto: Se a epistemologia cristã é verdadeira, então é fácil provar que a grama é verde. Visto que Deus é onisciente, Ele conhece toda verdade, incluindo a verdade que a grama é verde e a verdade de como fazer meus olhos, nervos ópticos e as partes de percepção visual do meu cérebro, de forma que quando eu olhar para a grama, eu a verei como verde. Visto que Deus é omniocompetente, Ele é capaz de fazer esses órgãos de forma que funcionem corretamente, para que eu possa ver a grama como verde. Visto que Deus é omni-honesto e não pode mentir, Ele não me engana fazendo meu aparato visual de tal forma que me diga algo falso sobre a grama. A epistemologia cristã, portanto, é a única base para o conhecimento real. Ela é a única base sobre a qual podemos saber que a grama é verde. (Talvez pudesse ser dito, portanto, que somente o Cristianismo tem uma epistemologia “verde”!) Se o homem está aqui por acaso ou se o homem foi criado por um deus finito, isto é, um que não é onisciente, omniocompetente e omni-honesto, então não podemos estar certos que os nossos olhos estão realmente nos dizendo a verdade sobre a realidade.

Petição de Princípio

O mesmo princípio, sem dúvida, vale para outros fatores envolvidos na aquisição e verificação de conhecimento. Por exemplo, podemos estar certos que a lógica é epistemicamente válida somente porque Deus nos deu a lógica. Qualquer um cujo ponto de partida seja uma incerteza quanto à existência de Deus não pode apresentar consistentemente nenhum tipo de argumento, pois ele não pode estar certo que sabe algo ou que sua faculdade racional seja válida. Qualquer um apresentando uma prova teísta como uma razão para crer em Deus está, portanto, culpado de petição de princípio, pois ele deve pressupor a existência de Deus para ser capaz de apresentá-la. Mas a Aposta de Pascal alega estar começando não com a pressuposição da existência de Deus, mas como uma incerteza quanto à existência de Deus. O cristão diz: “Creia em Deus porque Ele existe”. A Aposta de Pascal diz: “Não sabemos se Deus existe, mas, sua melhor aposta é ir com Ele, e não com o ateísmo”. Portanto, ela é tão logicamente inválida quanto as provas teístas, pois não pressupõe a existência de Deus.

A Aposta de Pascal é também teologicamente objetável, por duas razões. Primeiro, como as provas teístas, ela não trata Deus como Deus. Visto que Deus é o ser último, Ele deveria ser tratado como tal em tudo o que fazemos, incluindo a forma como estruturamos nossos argumentos. Isso significa que, como o ser último, Deus deveria, em todos os nossos argumentos, ser considerado como o ponto de partida, o fundamento, não simplesmente como a conclusão. Tanto proponentes das provas teístas como da Aposta de Pascal alegam crer que Deus é o ser último, o fundamento

último de toda realidade, a verdade última sobre a qual todas as outras verdades residem, etc. Todavia, em seu raciocínio eles tratam Deus como se Ele fosse incerto, mas tratam algo mais como certo e último, e então tentam derivar a existência de Deus ou alguma verdade sobre Deus a partir dessa outra base. Isto é, esses argumentadores inconsistentes querem que seus ouvintes creiam em Deus, mas seus argumentos não tratam Deus como se Ele fosse realmente Deus. Quer a existência de Deus seja provada ou meramente uma boa aposta e a única aposta segura, em ambos os casos esses apologistas, pela forma como argumentam, minam seu caso porque não estão tratando Deus da forma como Ele deve ser tratado, se Ele realmente é o que eles dizem ser.

Conversão Verdadeira

Há uma segunda, intimamente relacionada, falha teológica na Aposta de Pascal – essa de natureza mais pessoal. A conversão bíblica genuína envolve mais do que uma crença intelectual na existência de Deus. Ela também envolve – na verdade, centra-se nisso – um relacionamento pessoal com Deus, um relacionamento que, entre outras coisas, concede a devida honra a Deus. Se tivermos ao menos um vislumbre do que isso significa, então certamente precisamos concluir que alguém que vem até Deus somente com base no tipo de raciocínio da Aposta de Pascal está na verdade insultando a Deus. Aliás, é no mínimo muito duvidoso que tal pessoa tenha realmente se convertido. A conversão bíblica não é uma mera “aposta” na existência de Deus, apenas para estar a salvo no caso dele existir. Nem pode o pacto da graça ser reduzido a uma mera política de segurança contra o Inferno. A conversão bíblica envolve arrependimento genuíno e fé, que envolve uma mudança espiritual radical.

Esse ponto deveria ser tão óbvio que é surpreendente que a Aposta de Pascal possa ter sido levada a sério por homens de outra forma piedosos e argutos. Novamente, se queremos que as pessoas venham a Deus em arrependimento e fé, então devemos tratá-lo como Deus, caso contrário seremos culpados de representá-lo de uma forma deturpada. Alguém mesmo com uma quantidade módica de *insight* espiritual deveria ser capaz de reconhecer isso. Na verdade, existem até mesmo alguns ateístas que parecem ver isso mais claramente do que alguns cristãos. Por exemplo, em seu manual para debatedores ateístas, B. C. Johnson faz a seguinte consideração: “Deus pode condenar alguém que ‘aposta’ em sua existência meramente por razões de prudência. Ele pode considerar tal ‘aposta’ como sendo um insulto”.²

Assim, quando examinada a partir da perspectiva de Van Til, a Aposta de Pascal é vista como sendo não apenas filosoficamente superficial, mas espiritualmente superficial também. Na verdade, é altamente duvidoso que o apostador sequer avalie o que está realmente em jogo. Ele sabe o que faz o

² B.C. Johnson, *The Atheist Debater's Handbook*, (Buffalo, NY: Prometheus Books, 1981), 97.

Céu ser Céu e o Inferno ser Inferno? Provavelmente não. Embora seja apropriado dizer que o Céu seja um lugar belo porque Deus preocupa-se com a beleza, não é isso o que faz o Céu ser Céu. Ali é Céu porque os crentes estão na comunhão mais plena possível com Deus, desimpedidos por qualquer depravação interna, pela sociedade ou oposição satânica. Resumindo, é Deus e o nosso amor por Deus e Seu amor por nós que faz o Céu ser Céu. C. S. Lewis em seu romance *O Grande Divórcio* mostrou que, se alguns incrédulos recebessem a permissão para deixar o Inferno e ir para o Céu, eles não ficariam confortáveis, pois não estão adaptados para viver no Céu, e assim escolheriam voltar para o Inferno. Resumindo, ele mostrou que para o incrédulo o Céu não é Céu. Mas, veja, a Aposta de Pascal analisa somente a superfície. Ela diz: aposte em Deus, pois se Ele existir, você poderá ir para um lugar com lindas árvores e ruas de ouro, ao invés de um lugar com fogo e enxofre. Nessa estrutura Deus é visto apenas como o meio para um fim, não com o próprio Fim. A Aposta de Pascal não indica com o que se parece o Céu (estar em relacionamento vital e comunhão vibrante como Deus, com tudo o que isso implica) e o que é o Inferno afinal (o horror de ser apartado de Deus e, assim, nunca encontrar realização), e assim não pode ser considerada seriamente, pois não nos diz o que está realmente em jogo. E se ela fosse nos dizer o que está em jogo, então refutaria a si mesmo, pois mostraria que não é possível entrar em relacionamento correto com Deus ao vê-lo como uma aposta prudente. A Aposta de Pascal veria que a conversão genuína – arrependimento e fé genuínos – não é consistentemente com tal aposta.

A perspectiva de Van Til ajuda os cristãos a entender as raízes de tais filosofias teístas, que são em última análise tão equivocadas quanto suas contrapartidas seculares. E existem vários recursos excelentes para aprender mais sobre o dr. Van Til e os seus ensinamentos. Dois pelo próprio Van Til que são muito úteis são os seus livros *The Defense of the Faith*³ e *A Christian Theory of Knowledge*⁴ Os dois sobre Van Til que recomendo são *By What Standard*⁵ de R. J. Rushdoony's, e *The Justification of Knowledge*⁶ de Robert L. Reymond. Duas coletâneas de ensaios que recomendo são *The Foundations of Christian Scholarship: Essays in the Van Til Perspective* editado por Gary North, e o conjunto de textos em honra de Van Til intitulado *Jerusalem and Athens*, editado por E. R. Geehan.

Forrest W. Schultz tem um B.S. pela Universidade Drexel em Engenharia Química e um Th.M. em Teologia Sistemática pelo Seminário Teológico de Westminster.

Fonte: *Faith for All of Life* Fev. 2004, p. 12-13, 29.

³ A Defesa da Fé.

⁴ Uma Teoria Cristã do Conhecimento.

⁵ Por qual Padrão?

⁶ A Justificação do Conhecimento.